

## Editorial

É com grande satisfação que trazemos a público mais um número da Revista Eletrônica Arma da Crítica, o qual se concretiza no peculiar momento em que o Instituto de Estudos e Pesquisas do Movimento Operário - IMO comemora seus 18 anos de fundação.

Indubitavelmente, vivemos hoje tempos sombrios para a causa da emancipação humana. O projeto de desqualificação do marxismo revolucionário não perde o fôlego e continua contaminando a consciência e a prática dos indivíduos no interior da academia e dos movimentos sindicais, sob as investidas do capital em crise que, a rigor, aprofundam a barbárie social, com rebatimentos severos na esfera da nossa subjetividade. Nesse cenário, um mosaico eclético de interpretações heterodoxas e politicistas, por excelência, intentam ajustar o pensamento marxista às condições contra revolucionárias da contemporaneidade e, nesse movimento, em alguma medida, domesticam a veia combativa embutida na ortodoxia marxiana, aportando o horizonte menor da democracia – em lugar do socialismo, como o destino último da existência humana. De quebra, reedita-se em termos próprios, o caráter redentorista da educação, potencializando as possibilidades mistificadoras do discurso educacional, como reiteram alguns dos artigos presentes nesta Arma da Crítica.

É nesse quadro que, carregando a grandeza herdada de seu fundador maior, o Professor José Ferreira de Alencar, já falecido, mesclada ao nosso esforço de superação dos impasses e desafios cotidianos, decorrentes das próprias condições de alienação, sobre as quais nos é impossível pairar, que o IMO alcança, por assim dizer, sua maioria.

Gostaríamos, nesse sentido, de dedicar a presente Edição aos estudantes, professores, pesquisadores e militantes sindicais que vêm garantindo a fecundidade desse espaço universitário de produção e divulgação do pensamento autônomo e da intervenção crítica no campo sócio-educacional e, por extensão, aos diferentes grupos e pesquisadores que empreendem o esforço teórico de apanhar o real pela raiz, a exemplo daqueles que conosco interagem e colaboram.

Como poderão constatar os leitores, quer realizem o exame de categorias do real, ou se debruçam sobre fenômenos diversos da práxis social, os textos aqui publicados aportam, em última análise, na condenação fundamentada e rigorosa dos paradigmas e políticas servis à reprodução do capital.

Assim, um primeiro conjunto de artigos aborda a educação, apanhando-a por diferentes ângulos ou formas de manifestação. Seus autores comparecem aqui, tratando das formas históricas assumidas pela educação em articulação com o processo de reprodução capitalista; particularizando as exigências postas ao complexo educacional pelo capital em seu momento contemporâneo de crise estrutural, com destaque para os chamados novos pensadores da educação no decantado novo milênio; ainda, examinando, a partir de uma análise documental selecionada, a educação musical nas condições atuais do capitalismo; situando os rebatimentos da crise do capital na política educacional brasileira consignada no Plano de Desenvolvimento da Educação – PDE; ou, por fim retratando, pelo mesmo prisma das relações entre educação e reprodução do capital, a política de desenvolvimento para a Transamazônica e o Xingu, aí incluída a perspectiva de construção do Aproveitamento Hidrelétrico de Belo Monte, indagando sobre o papel da educação básica no contexto desse calamitoso empreendimento.

Dois artigos, a seguir, abordam a problemática propriamente dita das crises do capital. O primeiro tenta recuperar as intervenções de Marx e Braudel com vistas ao entendimento da crise atual, enquanto o segundo ocupa-se, primordialmente, dos efeitos sociais desencadeados pela crise, consentâneos às medidas políticas globalmente operacionalizadas, no propósito do seu enfrentamento.

Um próximo artigo revisita a conceituação de política em Marx/ Marx e Engels, através do estudo de um conjunto de obras datadas entre 1843 e 1871, contemplando, dentre outras, as Glosas críticas marginais ao artigo “O rei da Prússia e a reforma social”, de um prussiano, o Manifesto do Partido Comunista, O 18 Brumário de Luis Bonaparte e A guerra civil em França (1871), reiterando a política como um complexo interligado ao Estado, cuja função social não poderá transcender ao sistema burguês de dominação.

A questão política dos intelectuais em Gramsci é discutida, por sua vez, no estudo de Aliaga, no sentido de demonstrar como o revolucionário sardo enfrenta as concepções atadas à sociologia positivista do seu tempo, para repor criticamente o problema da história, das elites intelectuais e da política, analisando esta última não mais do ponto de vista do poder dos governantes, mas da perspectiva dos governados, dos subalternos, para acentuar o caráter classista do Estado moderno e identificar o sujeito da mudança.

Um último artigo elege um evento de significativa importância protagonizado pelos trabalhadores têxteis do Ceará dos anos 1980, para ilustrar o fenômeno da violência policial e jornalística que recai, ordinariamente, sobre o mais poderoso instrumento de luta imediata do trabalho contra o capital: a greve.

Ao lado dos artigos, três modalidades de publicação enriquecem a presente edição da Arma da Crítica: a resenha de uma obra histórica de relevância do ponto de vista classista e revolucionário; um relatório de pesquisa desenvolvido no seio do IMO e da Linha Marxismo, Educação e Luta de Classes do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Ceará; e, por fim, o resumo expandido de uma monografia de graduação, realizada em torno do movimento estudantil.

A Revista espera continuar contando com o apoio e as colaborações dos pesquisadores e militantes do campo do marxismo revolucionário, colocando-se, outrossim, aberta a comentários e sugestões.

Susana Jimenez

Fortaleza, dezembro, 2011